



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de premiação “As Empresas Mais Admiradas no Brasil – 2009”, conferido pela revista CartaCapital

São Paulo-SP, 19 de outubro de 2009

Primeiro, eu quero cumprimentar o meu querido amigo Mino Carta, diretor da CartaCapital, não só, Mino, pelos 15 anos da CartaCapital, mas pelos 15 anos de vida profissional que você tem, dirigindo revistas, criando jornais por este país.

Eu vi muitos empresários jovens que vieram receber o prêmio aqui e, possivelmente, as pessoas na sabem, Mino, que foi você que criou a Quatro Rodas, que foi você que criou a Veja, que foi você que criou a Isto É, que foi você que criou o Jornal da Tarde, e que teve o Miguel Jorge como seu repórter. As pessoas não sabem que você criou o jornal A República, que teve uma duração pequena, mas heróica. E também porque você foi o cara que fez a primeira capa minha na Isto É, em 1978.

Quero cumprimentar meus companheiros ministros,

Quero cumprimentar a Manuela,

Quero cumprimentar os empresários que receberam o prêmio. Está certo que não precisava os Gerdau levarem tudo, acho que levaram uns trinta.

Dizer a você, Mino, aos empresários, aos premiados que o momento que o Brasil vive, primeiro, deve ser um momento de orgulho para todos nós. Acho que não estamos no momento de ficar sabendo quem fez o que, mas é o momento de nós sentirmos orgulho deste país, tantas vezes sendo tratado como se fosse um país de quinta categoria ou uma República menor.

Eu aprendi, na minha relação com os empresários, no tempo das greves do ABC, que não existe possibilidade de um interlocutor respeitar o seu interlocutor, se ele não estiver de cabeça erguida. A condição básica para você



ser respeitado por alguém é você se colocar em pé de igualdade com quem você estiver interagindo. Se você chegar inferiorizado, diminuído, achando que nós somos o Terceiro Mundo, você está dando a primeira demonstração de que não se respeita e, por conseguinte, ninguém vai te respeitar.

Eu acho que nós conseguimos isso. Acho que o trabalho que cada um dos brasileiros fez, do mais humilde ao mais importante brasileiro, o trabalho que os nossos empresários fizeram, certamente a imprensa internacional, lendo a imprensa nacional, tem razões de sobra para falar bem das coisas do Brasil, e nós conseguimos chegar lá. Conseguimos chegar lá e temos o direito de ousar, de dizer que não tem por que sair do degrau a que nós chegamos, para baixo. Nós poderemos sair para cima.

Não é a toa que o Banco Mundial já faz análise dizendo que em 2016, quando as Olimpíadas estiverem sendo realizadas neste país, o Brasil poderá ter o gosto de ser a quinta economia mundial.

E isso é fantástico, porque eu sou de uma geração que viu este país andar para trás. Eu sou de uma geração em que a gente dormia com o anúncio de um programa econômico, achando que tinha ficado rico, e acordava devendo o dobro do que nem devia, porque as pessoas tentavam fazer deste país as suas teses acadêmicas. Como elas não davam certo, o povo terminava ficando

O momento que nós vivemos, eu acho que é resultado da seriedade com que se trabalhou neste país; da seriedade de quem não gastou, quando alguns queriam que a gente gastasse muito; que não fez pirotecnia, quando as pessoas achavam que era preciso fazer pirotecnia; que aumentou a taxa de juros quando era preciso aumentar a taxa de juros; que reduziu, quando era preciso reduzir. E quase como em um passe de mágica, nós hoje podemos dizer ao mundo que somos um país que tem a inflação, não apenas controlada, mas tem um povo que aprendeu como é gostoso não ter inflação de 80% ao mês ou de 40% ao mês.



O movimento sindical, Neto, que não precisa reivindicar 100% ou nada, 83% ou nada, mas que reivindica 1% de aumento real de salário ou 2% de aumento real de salário, como se nós tivéssemos chegado a um patamar de consciência política que há tanto tempo nós tanto almejávamos neste país.

Eu penso que o povo brasileiro, sobretudo a parte mais pobre deste país, está gostando de ter virado consumidor. Estão aqui os economistas, está aqui o meu companheiro Guido – tem uma luz aqui, que se fosse virada para a cara de quem ligou ela, seria tão bom, porque eu não consigo enxergar absolutamente nada. Aí, porque não tem nada pior do que você falar sem ver os interlocutores –, mas aqui está o Luciano Coutinho, está o Guido, está o Belluzzo.

Eu penso que teve duas coisas importantes, que aconteceram. A primeira é que acabou aquele momento de discussão, que entrava até em uma coisa meio histórica, que o Brasil precisava primeiro crescer, para depois distribuir. E a discussão daqueles que diziam que era preciso distribuir, para crescer. Ora, o que aconteceu, de fato, é que o mínimo necessário que você deu para a parte mais pobre do país, você conseguiu criar uma cadeia incomensurável de consumidores, que muitos de nós não sabíamos que existiam. As pesquisas que faziam levantamento de consumidores diziam que toda publicidade feita na televisão para consumidores era apenas para quarenta e poucos por cento da população. Significa que 50%, Mino, não tinham nem o direito de ver a publicidade que era feita na televisão, chamando-os a comprar.

Essa gente aprendeu a entrar em shopping, essa gente aprendeu a entrar em supermercado, essa gente aprendeu a comprar as coisas que todo mundo tinha direito a comprar. É por isso que nas regiões mais pobres do país há um crescimento do consumo, porque as pessoas adquiriram esse direito tão elementar, que poderia ter acontecido tanto tempo atrás.



O grande problema do nosso país é que os grandes defensores do capitalismo não queriam que o povo tivesse acesso ao capital. Então, não existia capitalismo. Não existia crédito, não existia sequer inclusão bancária. Então, o país ficou, ao longo de décadas, atrofiado, sendo governado para um terço ou menos de um terço da população brasileira.

Uma coisa importante que mudou, e mudou para melhor, é aquela briga também, aquela histeria ideológica do papel do Estado: se era máximo, se era mínimo, que o Estado não presta, o que presta é a iniciativa privada; que a empresa pública [privada] é que vai para a frente; o que funciona perfeitamente bem é o sistema financeiro, é fantástico, não erra nunca; e o Estado só atrapalha. Isso morreu.

A crise econômica, agora, fez sucumbir uma coisa que foi criada no Consenso de Washington. É imprescindível que a iniciativa privada seja competente, mas é imprescindível que o Estado exista, porque se ele não existir, não existe possibilidade de se fazer a distribuição de renda que o país tanto precisa.

Essa crise sai deixando uma lição para todos nós. Imaginem vocês se a quantidade de trilhões de dólares que foram encontrados do dia para a noite para salvar os bancos que estavam ganhando dinheiro no chamado “mundo desenvolvido”, que passou vinte anos ditando regras a nós. Eu já não agüentava mais quando desciam três pessoas do FMI para dizer o que a gente tinha que comprar, o que a gente tinha que vender, o que a gente tinha que construir, se a gente não poderia fazer isso, qual era a contabilidade nossa, o que a gente deveria fazer de ajuste fiscal. Era como se nós não tivéssemos governo. E os governantes, não se respeitando, achavam isso bom.

Então, essa crise está permitindo que o Estado volte a ser Estado. Mas esses trilhões e trilhões que foram encontrados subitamente? Eu falo isso, Mino, sem nenhum... Eu não tenho mais razão de ter ranço contra nada, eu não tenho. Nem uma moça que uma vez foi à minha casa, eu era presidente do



Sindicato ainda, e ela trabalhava em uma revista chamada “Latidos e Miados”. Fantástico! Essa moça foi à minha casa fazer uma entrevista e ficou indignada porque encontrou no meu quintal uma cachorrinha dalmata que eu tinha ganho do nosso querido Renato Consorte. Na greve de 79, em um show que a Elis Regina, o Gilberto Gil, o Gonzaguinha fizeram lá na Vera Cruz, o Renato Consorte me prometeu uma cachorrinha policial. Eu fui lá, não tinha policial, e eu peguei uma dalmata. Pois essa moça ficou indignada: como é que um metalúrgico poderia ter uma cachorrinha dalmata! Então, eu não tenho mais motivo para ter ranço, para ter mágoa dessas coisas, porque nós conseguimos superar isso, na prática.

Nós conseguimos dizer para as pessoas que o sistema financeiro internacional não podia continuar sobrevivendo da forma que vinha sobrevivendo, sem gerar uma especulação desenfreada. Nem o José Sergio Gabrielli conseguia explicar para mim por que o petróleo tinha saído de US\$ 30 para US\$ 150 o barril. Nenhum plantador de soja conseguia explicar por que o preço da soja subiu tanto, em apenas três meses. Quando a gente dizia que não existia outra explicação, senão a exploração no mercado futuro do petróleo, da soja e de todas as *commodities*, isso foi desbaratado na crise econômica.

Ah! Quanta gente que me dava lição e estava escondido atrás de derivativos. Quanta gente! Então, essa crise...

Eu vou terminar, Mino. Eu não queria ler para não demorar, mas se eu ficar improvisando aqui...

Essa crise, companheiro, foi uma lição para o Brasil e para o mundo. Hoje eu participo de reunião do G-20, do G-8, do G-14, do G-13, do G-15, do G-5, do G-4, do G-2... Se vocês imaginarem, o que tiver de “G”... Estão lembrados quando eu estive com o Bush e eu falei que era preciso a gente encontrar o ponto “G” das nossas relações? Pois agora, em tudo que é “G” eu estou presente.



O que eu estou percebendo? É que não tem mais ninguém dono da verdade. Todo mundo está querendo aprender, todo mundo está querendo saber onde errou, em que tempo que errou.

E o que é mais motivo de orgulho para nós - meu caro Roger, meu caro Abílio Diniz - é que o Brasil passou a ser referência. De repente, o mundo descobriu que o Brasil tinha um sistema financeiro mais organizado do que o deles. De repente, eles descobriram que o nosso Banco Central controlava mais o sistema financeiro do Brasil do que eles controlavam o deles. De repente, eles descobriram que a nossa política fiscal era infinitamente mais séria do que a deles. E de repente, eles descobriram que a nossa economia era muito mais sólida do que a deles.

Eu penso que se nós aprendermos essa lição que a crise nos trouxe, a gente tem a possibilidade concreta de transformar as teses do Banco Mundial em uma verdade absoluta, deste país começar a descer para o quinto, para o quarto e, com o pré-sal, para mais degraus, lá embaixo. Não temos pretensões imediatas de ser o primeiro ou o segundo. Mas temos condições de estar entre as quatro economias do mundo, sem precisar inventar, fazendo aquilo que é preciso ser feito: cuidar deste país como uma mãe cuida da sua casa, ou seja, distribuindo o pouco que tem para que todo mundo seja tratado em igualdade de condições.

Vocês, empresários, que viajam o mundo... Empresário também tem um problema: empresário tem vergonha de falar bem. Vocês perceberam que empresário...? Às vezes eu faço reunião, todo dia o Guido deve fazer reunião, o Miguel Jorge. Os empresários vão lá e falam maravilhas “porque está maravilhoso, meu setor está bem, está extraordinário.” Aí, quando você vê ele na televisão perguntando [respondendo], ele não consegue expressar aquilo que falou. Vocês sabem – Abílio, você que vive muito em Paris, viajando, com os seus sócios – vocês sabem - quem vive nos Estados Unidos... O Nizan Guanaes estava comigo em Nova Iorque esses dias -, todo mundo sabe que



nunca existiu momento na história deste país em que a gente tenha acumulado a respeitabilidade que nós acumulamos.

Isso é um patrimônio deste país, porque respeito a gente não conquista à toa, não. Ninguém gosta de você porque alguém diz que você é bom. As pessoas começam a te respeitar e a gostar de você porque você faz por merecer. E nós conseguimos isso. Nós, com a cara da Natura, com a cara da Petrobras, com a cara da Vale, com a cara do Extra, do Pão de Açúcar, com a cara do Itaú, com a cara do Gerdau, com a cara de tanta gente, da Nestlé – a brasileira, obviamente -, nós conseguimos mostrar ao mundo que nós aprendemos a ser sérios. A gente não diz que vai pagar e não paga. A gente diz que vai pagar e paga.

Não sei se foi premiada alguma empresa da construção civil. Faça uma pesquisa, Mino. Eu duvido que em algum momento da história deste país esses empresários da construção civil fizeram contrato, fizeram licitação e receberam, do jeito que recebem agora, sem dever favor a ninguém. Este país, nós construímos juntos. E este país pode continuar dando passos extraordinários, porque eu acho que o Brasil se encontrou consigo mesmo.

Eu fui, agora – vou ter que contar isso, para terminar – visitar o canal do São Francisco, o famoso canal que nós chamamos de revitalização do São Francisco. Eu gostaria que, se vocês pudessem, fizessem uma visita. Eu penso que quando o próximo astronauta for para a Lua, ele vai ficar em dúvida se é a Muralha da China ou se é o canal do São Francisco. Quando nós colocarmos água, eles vão perceber que é o canal do São Francisco. O Cid estava lá comigo. O Cid Gomes viu.

Mas eu queria contar uma pequena história para vocês. Nós chegamos à cidade de Floresta. Eu tinha recebido uma carta de uma mulher chamada Eliane. Essa mulher... Eu penso que ela estava separada do marido, porque ela falou tanto dos três filhos e não falou do marido. Eu fiquei com vergonha de perguntar se era mãe solteira, se estava separada, porque essas coisas



íntimas a gente não pergunta. Mas ela falou muito dos filhos dela, falou dela, e não falou do “dito cujo”. Então, eu fiquei quieto.

Mas essa mulher, há um ano e meio, quando começou a obra do São Francisco lá em Floresta, essa mulher tomou R\$ 50 emprestados a um afilhado dela e comprou guaraná em latinha. Mas ela não vendia o guaraná, ela vendia o copo. Então, certamente, com um guaraná ela vendia dois. E essa mulher começou a vender pastel. Em um ano e meio, essa mulher começou a fazer refeição para as pessoas que trabalhavam lá, foi contratada, chegou a fazer 400 refeições por dia. Essa mulher já comprou um carro, já comprou uma moto. E o orgulho com que ela me dizia que ela pagou R\$ 5 mil de Imposto de Renda. Ela falava com orgulho do pagamento do Imposto de Renda! Sabem qual é a coincidência? É que no mesmo dia em que ela falou que pagou R\$ 5 mil de Imposto de Renda, eu tinha recebido a informação de que eu tinha recebido a minha devolução de R\$ 5 mil. Então, a mulher, que um ano e meio atrás não tinha nada, a não ser três filhos, essa mulher passou a ser uma contribuinte para os cofres públicos, Guido, mais do que eu, que sou presidente da República. Eu achei uma história extraordinária. Eu gostaria que vocês, se puderem, tirem umas férias e vão para lá. Vocês já conhecem Miami, já conhecem Nova Iorque, já conhecem Paris. Vão visitar Cabrobó, Floresta, Estância, para vocês se darem conta... É que eu gostaria que vocês se dessem conta do que está acontecendo neste país.

Essas pessoas comprem produtos da Natura, essas pessoas estão comendo chocolate da Nestlé, essas pessoas estão abrindo uma continha no Itaú, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, essas pessoas já estão abrindo uma continha no Itaú, na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, essas pessoas já estão consumindo a gasolina da Petrobras, essas pessoas já estão comprando as coisas que vocês produzem e que pensam que são consumidas pela classe mais alta do Brasil. Os produtos de vocês estão, aos poucos, chegando aos pobres.



O programa Luz para Todos, quando nós atingimos 2 milhões de casas, sabem o que aconteceu? Um milhão e 780 mil pessoas compraram televisão; 1 milhão e 420 compraram geladeira; e praticamente 598 pessoas compraram aparelho de som. Pessoas que, até então, não tinham geladeira, não tinham som, não tinham máquina de lavar roupa, não tinham nada, porque não tinham luz. Ao apagar o candeeiro, essas pessoas compraram os produtos que vocês fabricam nas indústrias deste país.

Essa é a revolução que está acontecendo neste país. As pessoas que moram no andar de baixo estão subindo alguns degraus ainda muito lentamente, para chegar ao último degrau. E quando elas chegarem ao último degrau, possivelmente, quem está no andar de cima faça mais um andar. Mas, aos poucos, elas vão chegar lá também. E quem sabe, nós, em vez de construirmos um país de uma Torre Eiffel, teremos as pessoas subindo tantos degraus, que nós viraremos a quinta economia mundial mais cedo do que a gente está pensando, é só a gente querer.

O Obama disse “Nós podemos”... Você viu a quantidade de investimentos que o Roger anunciou hoje, a quantidade da Petrobras. Se isso não for só no papel, nós estamos bem na fita, nós estamos bem na fita porque, olhe...

Hoje eu recebi só gente para anunciar investimentos. Eu recebi a Odebrecht, que me anunciou tanto investimento, que se for isso, vai construir mais umas dez Brasília. O Roger vai gastar o que a Vale nunca ganhou. A Petrobras está com... Vocês viram como o José Sérgio Gabrielli fala com facilidade em bilhões de dólares?

Então, se tudo isso acontecer como eu estou pensando que vai acontecer, eu penso que nós atingimos o patamar de país e de respeitabilidade que nós brigamos muito tempo.

E a gente deve isso, Mino, a homens como você. Não precisava falar mal de gente aqui, não é, Mino? Não precisava. Em festa, a gente fala só bem.



Mas eu acho que pessoas como você, Mino, que mantém uma retidão de comportamento, que mantém os princípios, embora tenha pluralidade na tua Revista, são pessoas que fazem com que a gente diga: Valeu a pena acreditar na democracia deste país. E vale a pena a gente fortalecê-la, porque somente com muita democracia é que a gente vai poder comemorar muitos outros aniversários da CartaCapital, porque se não tivesse democracia, certamente, ela seria uma revista proibida.

Um abraço, e parabéns a todos vocês.

(\$211A)